

**FUGAS E EXÍLIOS, TRAVESSIAS E ERRÂNCIAS EM AS DUAS
MARGENS DO RIO DE JOÃO PAULO BORGES COELHO**

**ESCAPES AND EXILES, CROSSINGS AND ERRANCES IN AS
DUAS MARGENS DO RIO BY JOÃO PAULO BORGES COELHO**

Liliane Batista Barros¹

*Porque não há um só destino, há sempre um
destino atrás do outro, todos os dias, sucedendo-se
ou correndo como a água do rio, e a sucessão
de todos os destinos principais e paralelos é a
história.*

(João Paulo Borges Coelho)

Recebimento do Texto: 02/02/2022

Data de Aceite: 05/03/2022

RESUMO: O presente artigo objetiva analisar os exílios e as errâncias de três personagens: Jonas, Amoda Xavier e Mama Mére. Os motivos das viagens realizadas por esses três são diversos: Jonas é movido pelo desejo de sair em busca de novas oportunidades; Amoda Xavier chega à Zâmbia movido pela curiosidade e desejos de consumo pelas tecnologias; e Mama Mére chegou à Zâmbia como refugiada, sem bens ou recursos e logo conseguiu um comércio seduzindo Million, o administrador da Feira. Para esta análise utilizamos como fundamentação SAID (2003) e HALL (2003) para sustentar a visão de exílio, TODORV (1990) sobre viagem.

PALAVRAS-CHAVE: *As Duas Sombras do Rio*. João Paulo Borges Coelho. Romance. Exílio. Viagem.

ABSTRACT: This article aims to analyze the exiles and wanderings of three characters: Jonas, Amoda Xavier and Mama Mére. The reasons for the trips made by these three are diverse: Jonas is driven by the desire to go out in search of new opportunities; Amoda Xavier arrives in Zambia driven by curiosity and the desire to consume technology; and Mama Mére arrived in Zambia as a refugee, without goods or resources and soon managed a trade by seducing Million, the Fair's administrator. For this analysis, we used SAID (2003) and HALL (2003) to support the exile view, TODORV (1990) on travel.

KEYWORDS: *As Duas Sombras do Rio*. João Paulo Borges Coelho. Romance. Exile. Travel.

¹ Doutora pela Universidade Federal do Pará e professora adjunta da Universidade Federal do Pará, do Faculdade de Letras do Campus de Bragança da UFPA. liliane.b@ufpa.br

O romance em análise narra as travessias dos agricultores, pescadores, caçadores de elefante, comerciantes, combatentes de guerra, militares, administradores e vários outros moradores dessas paragens que se movem de uma margem a outra, entre idas e vindas, nos intervalos dos ataques ao Zumbo. O autor coloca um mapa no início do romance, logo após o sumário, para melhor situar o leitor no espaço geográfico abordado na narrativa. Como bem aponta Rita Chaves (2008, p. 188), “trata-se de uma carta que se desdobra: no canto inferior direito há o desenho do país, em que assinala a região do Zumbo, detalhada em legendas que completam a apresentação do lugar que é palco das ações a serem narradas.” E o leitor lança mão desse mapa, ao percorrer as páginas do livro para acompanhar os deslocamentos das personagens e o palco das ações descritas na narrativa.

O enredo é organizado pelas travessias e errâncias das personagens, após os ataques guerrilheiros, e podemos dividi-lo entre as quatro investidas dos guerrilheiros ao Zumbo e uma ofensiva a Bawa. Essa divisão que propomos é para melhor organizar este artigo em que abordaremos as fugas e travessias das personagens. A primeira parte do romance é composta por 24 capítulos que vão da página 11 à 144, na edição a que tivemos acesso, compreende os fatos ocorridos entre a posse de Leónidas, na ilha de Cacessemo, ao ataque guerrilheiro de 16 de outubro de 1985, no território da jiboia (Norte de Moçambique), que culmina com as travessias de parte dos habitantes do Zumbo para a Feira e de outra parte dos moradores do Zumbo para a Bawa. A segunda parte do romance pode ser delimitada a partir do anúncio profético do leão, através de Joana M’Boa para a comunidade da Bawa sobre a investida dos guerrilheiros a esta aldeia, que ocorre em 27 de maio de 1987, ocupa as páginas 145 à 229, abrange 14 capítulos que relatam as mudanças ocorridas nas vidas dos antigos moradores do Zumbo, na Bawa, e o retorno destes junto com os habitantes da Bawa para seu antigo território do Norte. A terceira parte do romance narra a terceira ofensiva guerrilheira, novamente contra o Zumbo, em 1º de julho de 1989, abarca três capítulos, da página 230 à 246, mas a ofensiva também não teve sucesso, pois os Tigres (uma divisão do exército moçambicano) guardava a aldeia e um avião zimbabweano sobrevoava a comunidade e faz os invasores fugirem. A quarta parte é sobre o quarto ataque, que é mais devastador que o anterior. Porém, a população tem

tempo de fugir pelo Rio Zambeze e evitar o Aruângua, já que a experiência anterior comprovou ser muito perigosa a travessia por aquele rio. Na fuga pelo Zambeze os passageiros do barco terminam no mesmo cenário do início do romance, diferencia este capítulo do primeiro pelo fato de o pescador observá-los da margem Norte. Mesmo assim, parece-nos iniciar e terminar o romance neste espaço indica a circularidade da narrativa que nos leva a inferir sobre o recomeço.

Em relação à estrutura da narrativa, chama atenção o fato de o autor ter escolhido um humilde pescador para representar a divisão Norte e Sul do país. Leónidas aparece no primeiro capítulo e depois fica em segundo plano, enquanto uma sucessão de personagens ocupa o primeiro plano. Volta no quarto capítulo, depois continua em segundo plano a perambular pelo Zumbo enquanto aguarda a cura prometida pelo nganga Gomanhundo. O protagonismo de Leónidas retorna com a volta dos moradores do Zumbo em 1989 e depois, no final do romance, mergulhando nas águas do Zambeze e nos capítulos em que o protagonista não está presente são narradas histórias de outras personagens que terminam por entrelaçar suas vidas aos rios, seja os moradores do bairro Lusaka, ou os da Bawa, ou os da Feira. Assim, a vida de Leónidas e dos demais moradores do Zumbo tem as histórias particulares contadas em cada capítulo do romance, entrelaçadas pela narrativa maior que é a da guerra civil, que entra no romance a partir da interrupção do cotidiano dos moradores das margens dos rios de várias formas: no Zumbo, pelo abandono das casas e a fuga para outras margens transpondo suas vidas de uma situação estável para uma instável.

Laura Cavalcante Padilha, no artigo “A arte de vestir africanamente brancos manequins” publicado na Revista Gragoatá, (2005), ao analisar dois romances das literaturas angolana e moçambicana *O manequim e o piano* de Manuel Rui (2005) e *O sétimo juramento* de Paulina Chiziane (2000) afirma que assim como os romances de Paulina e de Manuel Rui, bem como os de Mia Couto, Boaventura Cardoso, João Paulo Borges Coelho, Ruy Duarte de Carvalho, apontam como a questão da migração “podem explicar e a insistência dos autores em cenarizarem deslocamentos e movimentos de várias ordens.” (p. 34) Para a professora, nesses romances “as viagens, os deslocamentos, o entre cruzar de várias fronteiras, as migrações, acabam por constituir o traçado imaginário principal, ao mesmo tempo em que os mitos, ritos, crenças, costumes etc. sustentam, ainda

mais, o corpo diegético” (p. 34). Em relação às ações de *As duas sombras do rio*, de Borges Coelho, o rio Zambeze e seus afluentes constituem a estrada natural entre os três países onde os moçambicanos deslocados da guerra são obrigados a atravessar, em busca de segurança e paz. Padilha nos lembra que “os romancistas, como sujeitos localizados em uma cultura, pactuam com as histórias de suas terras, empenhando-se em criar textos em diferença, para além de não deixarem morrer as falas de seus lugares.” (p. 35)

Para os habitantes da FERIA na Zâmbia e da Bawa em Moçambique, a chegada dos refugiados também desestabiliza suas vidas pela assistência devida a eles, o que pressupõe mais bocas para alimentar, além do medo da guerra chegar até ali. Assim, o estado de suspensão vivido por Leónidas se transpõe para todos os moradores das margens desses rios. Ventura lê a trajetória do pescador como “a de um ser solitário que atravessa a vida e conta ou tem contada sua ‘aventura’, Leónidas Ntsato sofre um processo de alienação que o retira de sua vida comum e o torna uma espécie de observador da vida de sua comunidade. Marcado pelo trágico, o destino de Leónidas é a morte.” (VENTURA, 2010, p. 92). Para Cruz, o mergulho de Ntsato no rio tem outra leitura, visto que é nele que está a resposta para o mal que aflige o pescador.

Entendendo-o, Ntsato mergulha no rio e nele se funde. Esta fusão do indivíduo com a história do seu povo aponta a inextrincabilidade entre o plano individual e o plano social, enlace que acompanha toda a obra, reflectindo a necessidade de olhar para lá da aporia clássica entre o particular e o geral, já que é no particular que o geral se substancia e transforma. (CRUZ, 2009, p. 209).

Para a estudiosa, a escrita alegórica de Borges Coelho destaca as frinchas deixadas pelo colonialismo e que perduram ainda na sociedade moçambicana e que é preciso trazer à luz. “O dilema de Ntsato é dilema enfrentado por seu próprio povo” (p. 211). O narrador nos apresenta parte da biografia dessa personagem tida como um homem respeitado pela comunidade, considerado bom em seu ofício de pescador, além de ser cumpridor das tradições, como comprova o pedido de casamento a Amina seguindo todos os ritos tradicionais. Era caprichoso em

suas obrigações, mantinha o telhado da casa sempre em ordem e, para dar maior comprovação disso, a dedicação que teve na construção de sua almadia feita com delicadeza e cuidado, sem pressa, para que o serviço saísse a contento. Mas, de repente, sua vida foi posta em suspense, “até esse dia foi Leónidas Ntsato um pescador” (BORGES COELHO, 2003, p.24) que vivia cruzando os rios Zambeze e Aruângua em busca de peixe, agora escasso pela construção da represa Cahora Bassa. A guerra já estava ocupando outros espaços do Norte, lembremos que foi ela que fez a vida de Leónidas se cruzar com a de Amina, pois, segundo o narrador, a futura esposa de Ntsato foi para o Zumbo junto com a família fugindo de Murunguja por causa da guerra. Ao vê-la, o pescador se apaixonou e a pediu em casamento com o pagamento do dote. Contudo, o narrador nos lembra que o destino de Amina é uma exceção.

Na verdade, tendo largado sua terra em fuga para o Zumbo aonde chegara sem nada, nunca pensou vir a ter tanta sorte. Os refugiados não casam as filhas, apenas deixam de as controlar. Não tem estabilidade nem imponência social que permitam apoiá-las na altura do casamento. Anônimos, pobres, só lhes resta esperar a fatídica notícia de que elas foram um dia derrubadas por algum jovem fogoso, esperar que a barriga lhes cresça e finalmente amar um neto sem o poder manifestar, por ele ser fruto da vergonha. (BORGES COELHO, 2003, pp. 21-22).

Nazir Ahmed Can em “Da filologia da guerra à divisão do ‘eu’ feminino em as duas sombras do rio, de João Paulo Borges Coelho” (2013), destaca que o romancista aponta as diversas consequências da guerra civil moçambicana para a população tais como a ruptura das famílias, o comércio ilegal além do trauma. Nesse trabalho, o autor se debruça sobre as personagens femininas e destaca o fato de elas não serem passivas e nem tão pouco vítimas de uma guerra feita exclusivamente por homens. Elas são individualizadas e ativas donas de seus destinos. Além das mulheres, Can destaca a questão das crianças que vivenciaram as guerras e, em consequência dessa experiência, tem uma visão desencantada da história. Em “Infância e história nos romances de João Paulo Borges Coelho” (2014), o autor busca verificar como a infância é abordada em três obras de João Paulo Borges Coelho, *As Duas Sombras do Rio*, *As Visitas do Dr. Valdez* e *Crónica*

da Rua 513.2. Para Can, as crianças têm uma visão desencantada diante da vida.

A família de Leónidas é desestabilizada em consequência da guerra visto que o pescador tem seu destino separado de Amina e dos filhos pelos acontecimentos na ilha de Cacessemo, uma vez que ao abandonar a profissão, Leónidas não tem mais como sustentar sua família e, em consequência disso, se afasta dela. A família, no entanto, empenha-se em buscar a cura para o pescador e, em um primeiro momento, leva-o ao posto de saúde, uma estrutura oferecida pelo Estado, mas lá não encontram a solução. Amina decide, então, buscar ajuda na tradição e leva o marido à casa do nganga que pede um tempo para poder encontrar uma solução para o mal que aflige Ntsato. Por fim, Leónidas toma a iniciativa de buscar apoio financeiro com o secretário responsável pela aldeia para que sua família não passe necessidade já que não pode mais pescar, porém, não recebe ajuda e ainda é expulso do edifício do governo. É nesse momento que lança o *m'fiti*.

Agora era a vez de Leónidas Ntsato ficar verdadeiramente zangado. Sentado no chão, levantou o indicador direito em direção ao edifício da Administração e proferiu este *m'fiti*, esta terrível profecia:

– Amanhã é o último dia desta terra e vão chover pedras na Administração! O fogo háde queimar esses teus papéis! (BORGES COELHO, 2003, p.49).

A crise de Leónidas representa a divisão do país e a não consolidação do projeto de nação sonhado durante a guerra de libertação. A falência desse projeto, a repetição das práticas coloniais de exploração do povo e o desrespeito às tradições provocam a reação da população e o início da guerra civil. Além disso, a região Norte, que ficou esquecida durante o período colonial, continua a ser ignorada pelo atual governo, que não leva melhorias para este espaço, e ainda interfere negativamente com a construção da represa que faz a vida dessa população mais difícil pela escassez de alimento. Assim, o estado do pescador (cindido em dois) pode ser lido como a herança colonial que dividiu o Norte e o Sul, já que os portugueses investiram mais no Sul pela sua proximidade com a África do Sul. Essa divisão se perpetua no período pós-colonial seja nas relações sociais, seja nas relações políticas do novo governo. A respeito do pós-colonialismo, Boaventura

de Sousa Santos, no ensaio “Do pós-moderno ao pós-colonial e para além de um e de outro” o define.

Entendo por pós-colonialismo um conjunto de correntes teóricas e analíticas, com forte implantação nos estudos culturais, mas hoje presentes em todas as ciências sociais, que têm em comum darem primazia teórica e política às relações desiguais entre o Norte e o Sul na explicação ou na compreensão do mundo contemporâneo. Tais relações foram construídas historicamente pelo colonialismo e o fim do colonialismo enquanto relação política não acarretou o fim do colonialismo enquanto relação social, enquanto mentalidade e forma de sociabilidade autoritária e discriminatória. (SANTOS, 2010, p. 28).

O sociólogo nos lembra que o fim da dominação política não extermina o colonialismo enquanto relação social e mentalidade, assim, a crise de Leónidas é uma representação dessa herança que criou a desigualdade entre Norte e Sul. A doença do pescador é tão séria que nem a representação oficial nem a representação tradicional podem solucioná-la por se tratar justamente da desigualdade entre o Norte e o Sul, construída historicamente e mesmo o fim do colonialismo não conseguiu extinguir.

E, assim, o primeiro ataque, que é resultado da maldição apregoada por Ntsato, dá início a uma sequência de deslocamentos da população em busca de segurança. É interessante observar que o narrador é preciso nas datas e horários em que cada invasão ocorre, mas evita detalhar as cenas de violência, assim como não detalha os corpos dilacerados. Ele ainda nos alerta que, das quatro invasões, três foram anunciadas, sendo a primeira fruto do *m'fiti* de Leónidas (em quem não se acredita por ser considerado louco); a segunda é prevista pelo leão através de Joaquina M'Boa ao povo da Bawa, que tem tempo de sair antes da chegada dos guerrilheiros; e a terceira é anunciada pela jiboia a Harkiriwa, que não avisa os moradores do Zumbo sobre a previsão do ataque. Não sabemos o motivo de seu silêncio, mas o número de vítimas é menor do que o primeiro por causa da presença dos Tigres e do barco Estrela-do-Mar.

Durante a primeira investida guerrilheira na madrugada de 16 de outubro de 1985, às três horas da madrugada, a população é acordada por tiros

e, no desespero de saber o que houve, foge de forma desordenada: um grupo vai em direção ao rio Aruângua, enquanto outro grupo corre em direção ao rio Zambeze para buscarem o refúgio da outra margem do rio. Os que optaram pelo Aruângua têm dois destinos: alguns conseguem alcançar a margem, enquanto outros morrem em consequência de afogamento e pelos ataques dos crocodilos. No desespero de fugir, parte da população esqueceu que este rio não era a melhor opção:

No rio, cada um faz o que pode – os salvadores e aqueles que tentam atravessá-lo. [...] Uns minutos apenas, com a boca muito aberta e os olhos à pele da água, tempo à justa para se despedirem do aéreo mundo das aves e o cheiro das fogueiras, de verem a luz uma última vez antes de penetrarem no aquático mundo dos peixes, dos mistérios e dos silêncios. [...] E o dia de hoje é prenhe destas pequenas vitórias gigantes, anónimas na maior parte delas, pois foram poucos os salvos pelo barco da polícia ao pé dos outros, a larga maioria, que foram pescados pelos donos das pequenas almadias, hoje com uma faina muito diferente daquela que se costuma suceder todos os dias. (BORGES COELHO, 2003, p.83).

O desespero de homens, mulheres, crianças e idosos não deixa que percebam que só havia duas travessias possíveis pelo Aruângua: ou de almadia (mais segura por causa dos crocodilos) ou a nado (muito arriscado também por causa dos crocodilos). Como nem todos tinham a possibilidade de ter uma almadia ou conseguir entrar em uma, o destino de alguns foi passar a fazer parte do rio em “tão extraordinário acontecimento em que uns atravessam para as terras estrangeiras e outros para o fundo do rio” (BORGES COELHO, 2003, p.85). A travessia revela a desigualdade social e a vulnerabilidade dos mais fracos frente à guerra e somente aqueles que conseguiram a solidariedade dos vizinhos da Zâmbia, que os resgataram da água, conseguem alcançar a outra margem, passando de cidadãos moçambicanos à condição de refugiados: “E estes sobreviventes bebiam já numa nova qualidade– a de refugiados–que camponeses e pescadores haviam deixado de ser a partir do momento em que transpuseram o rio” (BORGES COELHO, 2003, pp. 83-84).

As fronteiras, até então invisíveis: “três países vivendo juntos, quase como

irmãos: a sua Zâmbia aqui, Moçambique mais para leste, do outro lado do rio Aruângua, e meu Zimbabwe para o sul, do outro lado do rio Zambeze” (BORGES COELHO, 2003, p.56), como afirmou o zimbabweano Zvobo. A comprovação dessa afirmação é válida para o comércio ilícito de Mama Mére com contrabando de marfim, que irrita Zvobo, e seu acordo com os pescadores moçambicanos que atrapalhavam os negócios de Dona Flora, que ficava furiosa cada vez que surpreendia a congoleza fazendo negócios no seu território moçambicano. Também Zvobo ultrapassa as fronteiras sem permissão oficial para tentar capturar os contrabandistas que, por sua vez, invadem outros países para caçar elefantes. Porém, neste momento de guerra, as fronteiras invisíveis transformam-se em visíveis.

Todo o norte do rio é agora uma paisagem lunar. Não há invasores à vista, que saciados com as parcas riquezas do Zumbo se retiraram céleres como haviam chegado. Não há também povo, que partiu em fuga desabrida, dividindo-se para atravessar o Aruângua e chegar desordenadamente à Feira, já no estrangeiro, optando a segunda metade por atravessar o Zambeze para sul, buscando na ainda moçambicana Bawa um espaço de vida provisória onde pudesse fazer um balanço (de quem cometeu a insensatez de ficar não se fala aqui, reduzidos que estão a brancas e puras ossadas). Os primeiros irão ter por única alegria, no meio de mil tragédias, a chegada periódica de um cobertor, uma lata de milho, uma barra de sabão, trazidos por homens de braçadeiras vermelhas e gestos maquinais cuja profissão é fazer o bem. Os segundos não têm nada disto mas podem, em contrapartida, contemplar a partir da Bawa a cidade que já foi sua, na outra margem – para eles é esta contemplação o bem mais precioso. (BORGES COELHO, 2003, p. 104).

O único morador que opta por não atravessar o rio é Leónidas que parece não ser notado pelos invasores, e é também o único a não se surpreender com o ataque “por ser desvairado e por isso conhecer o futuro antes de ele acontecer.” (BORGES COELHO, 2003, p. 154). O estado de loucura permite à personagem enxergar a desordem do mundo promovida pela guerra que os demais moradores do Zumbo não veem, e estes só conseguem compreendê-la quando esta passa a fazer parte de suas vidas. Leónidas sobrevive ao ataque e passa a perambular pelas

ruas desertas da aldeia, momento em que o foco narrativo se afasta dele. As demais personagens sentem a vertigem de Leónidas promovida pelo ataque inesperado, pela imigração ou deslocamento forçado e pela incompreensão do porquê dessa guerra que transforma espaços antes conhecidos em espaços estranhos e da qual a única experiência intercambiável é a da perda.

Os que optaram pela Bawa, margem Sul do Zambeze, ficaram mais perto de suas casas, o que permitia visitas rápidas para verificar de perto o que restou ou, pelo menos, matar a saudade do lugar onde viviam “numa libertação ditada por aquela imensa vontade de ir mexer com as mãos aquilo que há tanto tempo só se via de longe, de confirmar histórias de outros que lá tinham estado.” (BORGES COELHO, 2003, p. 111). Assim, começou um movimento entre as duas margens do Zambeze na busca por pertences ou só pela expectativa de verificar se a casa ainda estava de pé ou se algum animal havia sobrevivido. Essas visitas constantes não permitiram que se rompessem os laços de pertencimento desses moradores com o espaço que viviam.

As estadias do outro lado eram encurtadas para evitar novas surpresas. O tempo de cada um visitar os restos de sua casa, de descobrir com alegria algum celeiro intacto, uma rede de pescar utilizável. Ou, com imensa tristeza, de verificar que aquilo que a partir do outro lado pareceu durante semanas estar de pé estava, afinal, desde há muito calcinado, perdera a maleabilidade das coisas vivas e aproveitáveis. Os escassos animais que ainda havia iam sendo recuperados por quem os achava junto dos restos das casas. (BORGES COELHO, 2003, p. 111).

Junto com esse primeiro ataque veio a seca, que escasseou ainda mais o alimento e tornou a vida dos refugiados da Bawa mais difícil. Este também foi o motivo das constantes travessias para buscar alguma rede para pescar, uma ferramenta ou ainda um animal para que a solidariedade dos moradores da aldeia do sul fosse recompensada de alguma forma. Essa relação entre esses dois vizinhos se estreitou de tal forma que, no retorno definitivo dos moradores do Zumbo, os da Bawa foram convidados a ir com eles.

A segunda investida dos guerrilheiros é na Bawa e ocorre em 27 de maio de 1987, às três horas da tarde. Os invasores encontraram uma aldeia vazia, pois,

pelo aviso do leão, a população abandona o lugar frustrando, assim, a expectativa dos invasores que não voltaram mais àquela aldeia.

Nunca mais, a partir do fatídico dia do ataque a Bawa tornaram os invasores a ser visto na margem sul do rio Zambeze. Nessa ocasião retiraram em debandada deixando alguns mortos pelo caminho, atravessaram Panhame novamente (agora em sentido contrário ao da vinda), e prosseguiram sempre, abandonando os seus involuntários auxiliares a sua sorte. No encalço, remexeram os homens de Meia-Chuva nos cadáveres que foram encontrados dispersos pelo mato nas posições mais grotescas, em busca de pistas que os ligassem a alguma origem. Mas só acharam olhares vítreos de bolsos cheios de pequenas coisas roubadas em Bawa. (BORGES COELHO, 2003, p. 158).

Toda a comunidade da Bawa participou do ritual em que o leão Kanyemba, espírito do antigo colono português, incorpora Joaquina M'Boa e avisa sobre o ataque, além de fazer o retrato da terra estéril pela guerra. “–Mataram a terra e todas as coisas. Matam-se agora uns aos outros. E quando há esse ódio entre vizinhos, quando as aldeias se inimizam desta maneira, quando a família se acaba, é porque se aproxima o vazio e o fim. Porque se apaga o fogo”. (BORGES COELHO, 2003, p. 151). Kanyemba é mais um espírito português errante que se transforma em ancestral. Ele denuncia as atrocidades que vê, tais como a morte da terra, a morte entre os moçambicanos e o ódio entre vizinhos de margem e, com isso, o fogo sagrado se extingue. A presença de um espírito português como ancestral reafirma a mestiçagem já presente na tradição moçambicana. Se considerarmos que o nome de Leónidas Ntsato anuncia a presença de um nome latino (Leónidas) junto com um nome local (Ntsato), conforme já apontamos, então parece-nos que Coelho mostra que, apesar de todo mal que o colonialismo trouxe a Moçambique, não se pode negar que há uma herança importante que não pode ser desconsiderada que é a herança cultural. Retomando a invasão guerrilheira, como a Bawa cumpre suas obrigações religiosas por ser uma aldeia pequena e ainda não ter um secretário que cumpra as leis em relação ao obscurantismo, a população é poupada da destruição impetrada pela guerra.

O que chama atenção nessa invasão é a sedução que os guerrilheiros

fazem ao povo Panhame, uma aldeia pobre, isolada, onde seus moradores andam quase nus esquecidos pela administração, visto que Sigaúke nunca esteve lá. Aproveitando-se da situação, o líder dos guerrilheiros propõe a eles “– Venham conosco e vão saber o que é a prosperidade.” (BORGES COELHO, 2003, p. 154). Os da Bawa, obedientes ao presságio, desocuparam a aldeia logo pela manhã e ainda prepararam uma emboscada para os invasores que ao chegarem são surpreendidos com a aldeia vazia e, sem muito o que pilhar, ficam furiosos e queimam as palhotas antes de saírem. Os de Panhame ficam desolados e sabedores de que a partir desse dia seriam inimigos dos de Bawa. Se os desta aldeia vivem em um estado de abandono os de Panhame são mais esquecidos ainda. Estas duas aldeias pertencem à jurisdição do secretário Dionísio Sigaúke que não se ocupou delas até ter que migrar para a Bawa e instalar ali um governo provisório. Porém, a preocupação em retomar o Zumbo não permitiu ou não interessou ao secretário verificar as condições das demais aldeias de sua jurisdição. O retorno do secretário e dos moradores do Zumbo ocorre com a chegada dos Tigres treinados no Zimbábue que vão garantir a segurança da fronteira.

Com a passagem dos Tigres para o norte regressaram também os do Zumbo, que até então se encontravam em Bawa, aproveitando a oportunidade para voltar e tomar posse do que era seu. Foi esse também o caso do administrador Sigaúke, há muito sonhando com o edifício da Administração e agora achando concreta possibilidade de o recuperar e dali continuar a presidir aos destinos do distrito. Finalmente e um pouco mais atrás, o contingente popular integrava também alguns habitantes da Bawa, que embora não envolvidos na manobra queriam ver de perto aquilo que seus hóspedes tanto falavam, e quiçá espreitar a oportunidade de algum negócio.

Em consequência de todos esses fatos ficou a Bawa a partir desse dia mais reduzida de gente do que antes, e também mais marginalizada dos enredos criados pelos homens da região. (BORGES COELHO, 2003, p. 180).

A oposição Norte e Sul continua comprovada na propaganda feita pelos moradores do Zumbo de que a região Norte seria mais produtiva pela atitude do próprio secretário que não se ocupava das aldeias que ficavam na outra margem do Zambeze e pertenciam a sua jurisdição. Consequentemente, os moradores que residiam ao norte da região Sul eram duplamente marginalizados, afinal, não eram aceitos nem pelos do Sul tampouco pelos do Norte.

Em decorrência dessa migração, os moradores da Bawa testemunharam e foram vítimas dos terceiro e quarto ataques. A terceira investida dos guerrilheiros foi prevista pela jiboia à velha Harkiriwa na margem norte Zambeze, mas não somos informados sobre o que ela disse não revela aos moradores do Zumbo qual foi a previsão. A velha senhora é uma refugiada de guerra que não pode ultrapassar a margem norte do rio por ser ali o término do território da cobra. O ataque se dá em 1º de julho de 1989 às quatro horas da madrugada e foi impedido pelos Tigres, não sendo, portanto, essa luta tão devastadora. Porém, os invasores retornam em 4 de julho, iniciam a invasão pelo batalhão 450, que não tinham tanto preparo quanto os Tigres, e por isso houve muitas mortes. Mas, nessa investida, a reação da população foi diferente, pois “desta vez não deu na população o ímpeto de fugir para o rio, andavam todos ali em fugas desencontradas e sem destino.” (BORGES COELHO, 2003, p.232). Um avião zimbabweano sobrevoou a aldeia e atacou os guerrilheiros, os que sobreviveram fugiram.

O quarto ataque não é datado pelo narrador, mas foi devastador, pois além dos moradores do Zumbo, os da Bawa também foram vítimas. “Desenganaram-se. Quanto aos do Zumbo, que tinham inventado essa visão fantasiosa sem dúvida movidos pela saudade, desenganaram-se também, e somaram ao desengano a vergonha de ter mentido” (BORGES COELHO, 2003, p. 247). Dessa vez, os moradores preferiram atravessar o Zambeze e evitar o “falso caminho da liberdade” que era o Aruângua. Alguns fugiram em suas almadias e outros embarcaram no Estrela-do-Mar que, por sorte estava ali, mas o barco, na fuga, tentando escapar dos tiros vindos do Zumbo, acaba por encalhar na ilha Cacessemo. “Deu o Estrela-do-Mar em encalhar na praia da ilha de Cacessemo, adornando em seguida para o lado esquerdo, ligeiramente, a ré virada para o Zumbo, como que apanhado em pleno ato de fugir.” (BORGES COELHO, 2003, p. 249). O encalhe do barco no espaço em que o romance inicia sugere uma narrativa circular, porém, Leónidas

que está na margem do Zumbo opta por mergulhar no rio e passa a fazer parte da história contida neste. As personagens que ficam na ilha, como já apresentamos no tópico anterior, podem olhar além da dicotomia Norte e Sul e criar uma nova possibilidade de ruptura com o que está posto a partir de uma visão crítica desses acontecimentos. A questão do exílio neste romance é trabalhada a partir do trânsito entre fronteiras, seja entre dois países, como entre Moçambique e Zâmbia, seja dentro do mesmo país no deslocamento entre Norte e Sul ou entre litoral e interior, como ocorre com Amoda Xavier. Mas em qualquer desses casos é um exílio e Said, que vivenciou essa experiência, afirma ser devastadora.

O exílio nos compele estranhamente a pensar sobre ele, mas é terrível de experienciar. Ele é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada. E, embora seja verdade que a literatura e a história contêm episódios heroicos, românticos, gloriosos e até triunfais da vida de um exilado, eles não são mais do que esforços para superar a dor mutiladora da separação. As realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre. (SAID, 2003, p.46).

O autor nos lembra que George Stein chegou a propor a tese de que “a moderna cultura ocidental é, em larga medida, obra de exilados, emigrantes, refugiados” (SAID, 2003, p. 47), mediante o número de intelectuais em trânsito no período da guerra. O que podemos pensar acerca dessa condição que a guerra impôs a esses moradores do Zumbo é a dor de não pertencer à qual Said se refere: “E logo adiante da fronteira entre ‘nós’ e os ‘outros’ está o perigoso território do não-pertencer[...] na era moderna, imensos agregados de humanidade permanecem como refugiados e pessoas deslocadas.” (SAID, 2003, p. 50). Said conclui o texto da seguinte forma: “O exílio é a vida levada fora da ordem habitual. É nômade, descentrada, contrapontística, mas, assim que nos acostumamos a ela, sua força desestabilizadora entra em erupção novamente.” (SAID, 2003, p. 60). O narrador, ao retornar no tempo, aponta os movimentos promovidos pelo colonialismo que agenciou deslocamentos no continente africano e para fora deste tornando essa condição parte da vida dos moradores da região.

Não era o viajar, para os antepassados, um grande passo ou novidade. Há muito se haviam habituado a ver chegar e partir gente de todos para todos os lugares. De cima, dos Lagos, do Tanganhica e do Niassa, chegavam caravanas compridíssimas e cansadas com filas intermináveis de carregadores [...] os transportadores transportavam a si próprios, já no regresso, já na condição de escravos. [...] De dentro, do Congo e do Alto Zambeze, vinham novos viajantes com o ouro, o marfim e a borracha, gentes de costumes diferentes mas bom conversadores e ingênuos [...] De baixo chegavam as hordas Angunes com rodela pretas na cabeça e uma organização implacável de formigas gigantes que deixavam um rastro de sangue à passagem do seu gado e soldados, gentes do sul, austera e militar [...] Do mar chegavam as companhias do Geral Castilho, praças amarelas infectadas de malária sem saberem o que ali faziam [...] E finalmente passavam ainda os muzungos do lugar, gente sem escrúpulos nem descanso, em razias permanentes que por serem sujas e malévolas não deixavam, à sua maneira, de ser viagens. (BORGES COELHO, 2003, pp. 114-115).

Nesse excerto podemos evidenciar uma complexa trama de deslocamentos que vêm de todos os lados do continente, e de fora deste, em diferentes períodos da história do país na ocupação do Norte de Moçambique. É certo também, que o processo de colonização portuguesa não mais existe, assim como a descolonização desse território se extinguiu no século passado, embora as práticas coloniais ainda sobrevivam em diversas partes do mundo e ocorram inclusive dentro de um mesmo território. Sendo assim, as relações de poder têm as nomenclaturas modificadas, mas as práticas continuam as mesmas e o colonialismo ou imperialismo modernos não são mais ocupação de territórios; são, como vimos com as observações de Boaventura e Said, citados anteriormente, imposições ideológicas, o que os faz mais perigosos, pois não sabemos mais quem é o inimigo.

Se até este momento apresentamos as fugas, exílios e travessias, agora apresentaremos três personagens que nos chamaram atenção e têm como característica a errância. São elas: Jonas, filho de Leónidas Ntsato, Amoda Xavier e Mama Mére. Os motivos das viagens realizadas por esses três são diversos: Jonas é movido pelo desejo de sair em busca de novas oportunidades e repete o ritual de seus antepassados ao ir trabalhar nos canaviais do Zimbabwe; Amoda Xavier

chega à Zâmbia movido pela curiosidade de ver onde o Zambeze nasce, depois se casa, muda para o Zumbo, em seguida para a Bawa e passa a ter outros desejos: as tecnologias. Começa adquirindo um cassete, depois uma máquina de costura e planeja um videocassete para levar o cinema à Bawa. Podemos ler Amoda como a ânsia do progresso e da modernidade, pois ele tem o espírito empreendedor. Mama Mère chegou à Zâmbia como refugiada, sem bens ou recursos e logo conseguiu um comércio seduzindo Million, o administrador da Feira. As três personagens são viajantes. E essa é uma temática muito antiga na Literatura. Todorov, no livro *As morais da História* (1990), no sexto capítulo intitulado “A viagem e a narrativa” fala.

O que não é uma viagem? Por pouco que alarguemos o sentido figurado deste termo e nunca foi possível conter a tendência para o fazer. A viagem coincide com a vida, nem mais nem menos: será esta diferente de uma passagem do nascimento à morte? O deslocamento no espaço é o signo primeiro, o mais fácil, da mudança: ora, quem diz vida diz mudança. Também a narrativa se alimenta de mudança; neste sentido, viagem e narrativa implicam-se mutuamente. A viagem no espaço simboliza a passagem do tempo, o deslocamento físico, a mutação interior. Tudo é viagem, mas trata-se de um tudo sem identidade. A viagem transcende todas as categorias, até, e inclusivamente, a da mudança, do mesmo e do outro, já que desde a mais alta antiguidade são postas lado a lado viagens de descoberta, explorações do desconhecido e viagens de regresso, reapropriação do familiar: os Argonautas são grandes viajantes, mas também Ulisses o é. (TODOROV, 1990, p. 93).

Segundo Todorov, as narrativas sobre viagens precedem as viagens propriamente ditas, datadas do fim do século XV e início do XVI. Foi o imaginário do desconhecido provocado por esses textos promoveu as viagens e navegações. É importante destacar que a marca principal da viagem é a mudança. Ao recuperar a literatura de viagem, Coelho promove as relações entre memória coletiva marcadas pelas histórias de chegada e partida de diversas pessoas na Região do Zumbo; esperança de mudança— viajar para enriquecer é um dos mitos das viagens do século XVI até XVIII com vinda de portugueses para o Brasil e de outros colonos

para África portuguesa²; a curiosidade pelo desconhecido – o desejo de se colocar em confronto com outras culturas e lugares exóticos; a viagem como fuga em períodos de guerra e catástrofe e, por fim, a morte que a que todos nós estamos obrigados a fazer. É a mescla do desejo pelo desconhecido e o desejo de possuir que move Jonas, e Mama Mère.

Jonas usa a justificativa de ir em busca do pai para empreender a viagem. Essa busca se transforma no desejo de novas possibilidades em um lugar longe da guerra e, para satisfazê-lo, deixa sua obrigação de filho mais velho e faz com que a mãe assuma o papel de liderança na família. No capítulo 19 intitulado “O desejo de partir” podemos acompanhar a saída do jovem em busca de uma vida melhor. O narrador inicia o capítulo refletindo sobre a impaciência dos mais jovens com os costumes locais de longas conversas coletivas para tomar decisões e sobre as notícias de trabalhos que chegavam até eles e que lhes possibilitariam adquirir os bens que sonhavam: roupas coloridas e músicas. Esses jovens tinham duas possibilidades de trabalho: os canaviais do Zimbábue ou as minas da África do Sul que há séculos povoavam o imaginário dos jovens moçambicanos: “Jonas não inovava. Limitava-se a repetir o gesto de seus avós, que cem anos antes também partiam pelos mesmíssimos caminhos em busca de dinheiro para pagar o imposto colonial, e sobretudo curiosos de conhecer esse mesmo desconhecido.” (BORGES COELHO, 2003, p. 114).

O narrador faz uma longa digressão pela história narrando as idas e vindas de pessoas para aquela região. E elas vinham de todas as partes, como já foi citado anteriormente, de cima (Lagos, Tanganhica e Niassa), de dentro (Congo e Alto Zambeze), de baixo com os Angunes e do mar com a Companhia Geral Castilho. Todos traziam bens como ouro, marfim, gado e escravos para serem embarcados e enviados para a Europa ou América.

E o povo daquela terra concluiu que se todos viajavam, chegando e partindo, vendendo e comprando, também ele podia viajar a conhecer novos lugares, vendendo seu trabalho e comprando o que lhe quisesse dar. E toda aquela nova gente parecia disposta a ajudá-los nessa nova vontade. Espalharam-se recrutadores pelo campo, prometendo tudo

2 A Literatura fala desse assunto e como exemplo temos *A Ilustre casa de Ramires* de Eça de Queirós, além de *A Brasileira de Prazins* de Camilo Castelo Branco (1984), entre outros romances que trazem a viagem para as colônias com o intuito de enriquecer e depois voltar a Portugal.

a quem quisesse com eles ir, avançando até dinheiro para a viagem. (BORGES COELHO, 2003, p. 115-116).

É certo que Jonas decide partir repetindo os passos de seus antepassados. No período colonial, Portugal fez um acordo com a África do Sul para ceder trabalhadores para as minas, recebendo pagamento pelos enviados. O mesmo acordo foi selado com o Zimbabwe para fornecer mão de obra para os canaviais. O mito da riqueza fácil adquirida pelo trabalho nesses dois países não foi desfeito com o final do colonialismo e muitos moçambicanos continuaram a ir para as minas e canaviais, pois, além do desejo de ganhar dinheiro, que ficou mais difícil após a Independência, ainda havia o mito de que o trabalho nas minas e canaviais transformava os rapazes em verdadeiros homens. Nesse sentido a viagem de Jonas é uma herança colonial que não foi desfeita após a Independência de Moçambique.

Não somos informados para onde o filho de Leónidas foi em um primeiro momento, somente temos a informação de que foi ao Zimbabwe quando este paga o nganga com o dinheiro desse país, mas sobre o que fez nesse período, sobre quais experiências vivenciou não temos qualquer referência. Somente no capítulo 27, “um homem novo”, é que vamos ter notícias de sua volta para Moçambique e para a família. Jonas vai em direção a Bawa em busca de sua mãe e como resultado da viagem empreendida e do fruto de seu trabalho, traz apenas um saco com um corte de tecido para a mãe e algumas quinquilharias para distribuir: estas são as riquezas adquiridas pelos anos de trabalho. O título do capítulo soa como uma ironia ao homem novo apregoado por Amílcar Cabral no discurso feito em Havana. Esse homem novo era definido como “plenamente consciente dos seus direitos e deveres nacionais, continentais e internacionais.” (COMTINI, 1980, p. 22). O narrador inicia questionando o retorno de Jonas, pois, se ele viajara em busca de uma vida melhor, como pode voltar no meio de uma guerra?

Poderá parecer incompreensível o regresso de Jonas àquela terra tão castigada [...] a recordação que levou consigo era a de casas de onde não mais subiam para o ar os rolos brancos de fumo das cozinhas. Imagens trocadas de aldeias que devendo ter gente estavam desertas, de caminhos que devendo estar desertos se encontravam cheios de gente errante, sem destino.

Imagens onde a falta de chuva deixara de ser a mais suprema desgraça porque mesmo com ela ninguém se atreveria cultivar.

E, no entanto, Jonas vem aí. (BORGES COELHO, 2003, p. 163).

O leitor não é informado sobre o motivo do retorno do viajante, mas, para Amina, sua mãe, era o retorno do filho já homem e conhecedor do mundo que poderia, enfim, aliviar a responsabilidade dela frente à família. Jonas informa Amina sobre seus planos e o que pretende para o futuro: ver a família e ajudar no que for possível, voltar para Lusaka no Zumbo, construir uma casa e casar-se. A partir disso, temos, então, a certeza de que ele volta para sua casa sem a consciência política esperada. Nenhum desses planos condiz com o ideal de homem novo proposto por Amílcar porque Jonas não tem formação nem visão política, assim como os demais jovens que saíram como ele, também não tinham consciência dos seus direitos nacionais e muito menos continentais e internacionais. Sua visão de mundo se restringe ao seu bairro, a sua família e ao desejo de viajar. Parece que a única mudança ocorrida na personagem, no período que esteve fora, é a do físico representada pela força dos braços e pelas roupas e não há nenhuma ação de Jonas no sentido que demonstre a mudança ideológica e política pois a personagem não questiona o motivo da guerra e, nem tão pouco, as atitudes do governo moçambicano após a Independência do país.

No capítulo 34 temos o casamento de Jonas e Benedita, um dos capítulos mais poéticos do livro pela pausa na guerra e pela abundância da festa em que panelas cheias simbolizam a fartura dessa união e pela música. A festa é coletiva, todos doam do pouco que têm e as mães conduzem a cerimônia visto que os dois pais – Leónidas e Amoda Xavier – estão ausentes. A comunidade participa assumindo cada grupo uma função.

[...]os homens bebendo a mowa e o pombe, rindo e dizendo disparates, as crianças lambuzando-se com aquela fartura que nunca haviam visto, as mulheres transpirando atarefadas, reluzindo como cometas cuja cauda fosse feita daqueles cheiros de comida que deixavam na passagem, trazendo sempre mais panelas cheias. (BORGES COELHO, 2003, p. 211).

No ritual do casamento é feita a apresentação dos filhos pelas mães através do canto. Amina faz um solo e anuncia as qualidades do filho e Maria Izabel responde e aponta as qualidades da filha. No solo feito por cada mãe, o coro das mulheres da aldeia que compõem a roda, repete a frase final em concordância. A festa vai até a manhã seguinte promove a união desse povo simbolizado no casamento de Jonas e Benedita. Ao final da festa temos a impressão de que o filho de Amina assumirá a responsabilidade pela família extensa composta por Benedita e os irmãos dele e dela, Maria Izabel e Amina, mas ele volta a viajar depois que o barco encalha na ilha e, assim como o pai, abandona a família, não pela loucura, mas pelo desejo de partir. “Jonas está casado mas voltará a partir; o espaço é pequeno para os seus projetos, o desejo de partir instalou-se nele como uma doença, de forma que vai com a promessa de regressar um dia.” (BORGES COELHO, 2003, p. 250). A experiência de Jonas assemelha-se à de Rashid Hussein, narrada por Said. Hussein, era palestino, morou em Telaviv, depois em Nova Iorque e, ao retornar para o mundo árabe, sentiu-se deslocado, como tantos outros exilados que saem de sua pátria e não conseguem readaptar-se ao voltar. Hall também fala sobre isso.

É impossível “voltar para casa de novo”. Existe aquilo que Simmel falou de: a experiência de estar dentro e fora “o estrangeiro familiar”. Nós costumávamos chamar de “alienação” ou “desarraigamento”. Mas, hoje em dia, isso passou a ser a condição arquetípica da modernidade tardia. A vida de todo mundo é cada vez mais assim. Isso é o que eu penso da articulação do pós-moderno com o pós-colonial. De uma forma curiosa, o pós-colonial prepara o indivíduo para viver uma relação ‘pós-moderna’ ou diaspórica com a identidade. Trata-se, paradigmaticamente, de uma experiência diaspórica. Desde que a migração se tornou o grande evento histórico-mundial da modernidade tardia a experiência diaspórica se tornou a experiência pós-moderna clássica. (HALL, 2003, p. 416).

Parece ser muito difícil para alguém que morou fora voltar para casa e ver que nada ficou parado, esperando por seu retorno: os vizinhos são outros, a paisagem mudou, a família está diferente e o retornado se sente um estrangeiro na sua própria terra, acaba por decidir partir novamente em busca de outros

lugares. Foi essa a experiência de Jonas, a falta de expectativa de trabalho e a melhora de vida como consequência da Guerra Civil, fez com que os jovens saíssem em busca das oportunidades de estabilidade financeira, que não havia em Moçambique, além de fugirem da obrigação do alistamento forçado que levou muitos à morte, como aconteceu com Amoda Xavier. Este, que sai de Tete movido pela curiosidade de ver onde nasce o Zambeze, “Chegou, viu e abriu muito a boca e os olhos de espanto — era magnífico o Zambeze, e mais magnífico era ainda quando se tornava moçambicano.” (BORGES COELHO, 2003, p. 117) O jovem ficou por ali, na Zâmbia, com amigos, envolvido com a pesca até conhecer Maria Isabel e decidir casar-se com ela. Com a proximidade da guerra, não seria possível a presença da família de Amoda e ele resolveu o problema comprando uma mãe adotiva para negociar o casamento junto à família de Maria Isabel. Xavier tem uma visão diferente de Jonas, pois ele procura solucionar os problemas e sempre tem o foco no futuro, por isso, decidiu deixar a Zâmbia e ir morar em Lusaka, no Zumbo, para ter mais oportunidades de progresso. Em pouco tempo prosperou e, com a ajuda da mulher, que era organizada, destacou-se entre os moradores do bairro pela beleza e organização da casa, despertou a inveja dos vizinhos que a incendiaram. Depois de perder tudo, o pescador decidiu mudar-se com a família para a Bawa e começar de novo. Os deslocamentos de Xavier se dão pelo incessante recomeço, ele não desanima frente aos obstáculos, sempre encontra uma solução, pois, como o narrador afirma, ele “era um empreendedor”.

O recomeço da família na Bawa foi difícil, mas Amoda descobriu um lugar para pescar que lhe rendeu algum dinheiro. O local era no Aruângua, nas margens da Missão de Miruro, pouco explorado pelos moradores do Zumbo, por causa do medo dos espíritos que ali viviam, e o pescador soube aproveitar-se disso. Seu espírito empreendedor encontrou outro errante e desejoso de sucesso, Mama Mère, que o observou e passou a negociar com Amoda. Um completava o outro: ele fornecia os peixes em quantidade com a qualidade que ela desejava e ela tinha os objetos modernos que ele almejava e, nessa troca, os dois se beneficiavam. No início, as trocas eram simples, os peixes eram permutados por roupas, alimentos, guloseimas para as crianças. Depois o pescador negociou um cassete com pilhas e levou música para Bawa, “um aparelho de cassete de seis pilhas, verdadeiro fenómeno da tecnologia, redondo e brilhante, que alterou profundamente os

sons da Bawa.” (BORGES COELHO, 2003, p. 120). Mas o pescador tinha já outro objeto de desejo, a máquina de costura, e por ela Amoda trabalhou durante dois anos. O acordo com Mama Mère foi o seguinte: ele forneceria um ano de peixes, ela entregaria a máquina e ele entregaria mais um ano de peixe. Assim aconteceu, e o pescador obteve a máquina que causou nova surpresa na Bawa. “É certo que muita gente já vira máquinas de costura. Havia inclusivamente duas no Zumbo, da cooperativa. Mas nova e bonita como aquela, nunca. Além disso, era a primeira que chegava a Bawa.” (BORGES COELHO, 2003, p.123).

Porém, Xavier era um homem ambicioso e passou a desejar um aparelho de videocassete e uma bateria de carros para projetar filmes na aldeia. A insaciedade do pescador mimetiza o consumo e o desejo pela modernidade. Amoda Xavier representa a realidade social e cultural produzida pela consciência da “transitoriedade do novo e do atual”. (MARTINS, 2000, p.18). A satisfação dele diante do bem adquirido é temporária e ele deseja mais e mais, assim como Jonas e Mama Mére. Os pescadores daquelas comunidades vivenciaram junto com esses três personagens, a transitoriedade entre o que seria o “novo” e o “tradicional”. O tradicional está presente no cotidiano dessas comunidades, tanto na relação dele com a natureza, quanto no ato de narrar suas histórias e transmitir suas tradições para as futuras gerações, ou ainda, no ato de ensinar as técnicas de trabalho, nesse caso a pesca artesanal, e também no modo de se organizar como comunidade.

As novidades trazidas até então alteraram a rotina comunitária pela curiosidade dos moradores, e Xavier resolveu explorar isso. Assim como ele foi explorado por Mama Mére, ele passa a explorar a população. A modernidade, então, “é, num certo sentido, reino do cinismo: é constitutiva dela a denúncia das desigualdades e dos desencontros que a caracterizam. Nela, o capitalismo se antecipa à crítica radical de suas vítimas mais sofridas”. (MARTINS, 2000. p.19). Se o rádio trouxe àquela comunidade a possibilidade do sonho através da música e da dança, de sons vindos de fora, a máquina trouxe o ideal de beleza pelo objeto em si e pelas roupas que Maria Izabel produzia e que rendiam algum ganho à família, o videocassete somaria o som à imagem e possibilitaria uma renda maior.

A modernidade sonhada por Amoda, no entanto, se apresenta ainda nas desigualdades sociais e econômicas vivenciada por ele, em relação a Mama Mère, na exploração do trabalho e na troca dos peixes pelo bem de consumo, que, por

sua vez, o faz diferente em sua comunidade, por adquirir os avanços tecnológicos (o cassete, a máquina de costuras e o videocassetes) que impõem um ritmo de vida da comunidade, diferente do que eles levavam, fazendo assim com que Amoda recrie sua história conforme o modelo de vida da globalização.

A modernidade, porém não é feita pelo encontro homogeneizante da diversidade do homem, como sugere a concepção de globalização. É constituída, ainda, pelos ritmos desiguais do desenvolvimento econômico e social, pelo acelerado avanço tecnológico, pela acelerada e desproporcional acumulação de capital, pela imensa e crescente miséria globalizada dos que tem fome e sede não só do que é essencial a reprodução humana, mas também fome e sede de justiça, de trabalho, de sonho, de alegria. Fome e sede de realização democrática das promessas da modernidade, do que ela é para alguns e, ao mesmo tempo, apenas parece ser para todos. (MARTINS, 2000, p. 18)

Mas a “fome e a sede” do pescador foram interrompidas pela guerra e, “num dia normal de Fevereiro de 1986, sem aviso prévio, vieram buscar Amoda Xavier para o serviço militar.” (BORGES COELHO, 2003, p. 124). Nesse momento, o empreendedor passa a ser mais um soldado, igualado a tantos outros pelo uniforme identificado por um número e a serviço do Estado. A partir de então, ele será apenas uma ausência para a família e não estará no casamento de Benedita e Jonas, será apenas uma lembrança para Maria Isabel, pois “Amoda finou-se no terceiro ataque ao Zumbo, de uma bala perdida que o encontrou a ele, deixando Maria Isabel sozinha e a comunidade inteira sem a possibilidade de vir um dia a gozar os prazeres do cinema.” (BORGES COELHO, 2003, p. 244).

A terceira personagem é Mama Mère, que chega à Feira vinda do Congo e seduz o superintendente Million de quem obtém uma loja e depois as informações sobre o contrabando de Marfim, que era o seu real interesse por ser muito rentável. Sua primeira atitude foi a sedução do superintendente, e o narrador a descreve, a partir das lembranças de Million, como “uma mulher já algo entrada na idade, mas com as carnes no lugar e uma argúcia sem igual [...] com o sotaque carregado que lhe vinha do francês [...] não era fácil. Era arredia” (BORGES COELHO, 2003, p. 52). A congoleza sabia o que queria e usou os meios que tinha para alcançar seus

objetivos. O primeiro pedido ao superintendente foi uma loja, com a desculpa de ficar independente, e escolheu um lugar estratégico: “um morro sobranceiro à junção do Aruângua com o Zambeze, de onde se via o Zumbo e as terras então, da Rodésia, de onde se controlava todo o movimento. Começou como sempre se começa, vendendo comida.” (BORGES COELHO, 2003, p. 53). Como a intenção dela era o comércio como disfarce para o contrabando, que era mais rentável, o local escolhido foi fundamental para as negociações que vieram a seguir, pois a partir desse espaço seria possível controlar toda movimentação dos rios e das aldeias próximas. “Million não sabe exatamente a partir de que altura é que ela se começou a interessar pelo marfim, a mulata danada.” (BORGES COELHO, 2003, p. 53). Ela descobriu o comércio clandestino e ainda enfrentou o amante com um punhal e, a partir de então, passou a fazer parte do grupo de traficantes e deixou de ser amante do superintendente.

Outra versão apresentada pelo narrador é a da população, que dizia que ela viera do Congo onde traficava diamantes, depois foi para Angola e terminou por chegar à Feira e construiu a loja “com a ajuda de terceiros, é certo (e da posição horizontal, como dizem os seus detractores), mas está ali para comprovar o seu gênio empresarial.” (BORGES COELHO, 2003, p.59). A pequena loja se transformou em um grande armazém que foi assim dividido: metade da frente do edifício para atender o povo, a outra metade para o armazém onde ocorre o comércio legal durante o dia e o escuso à noite, escondido dos olhos do povo, e ela ocupava apenas o pequeno quarto onde dormia. Além disso, construiu uma larga varanda que percorre o edifício e fica por cima do rio de onde ela controla o movimento nos rios e nas aldeias próximas. Este é um dos poucos espaços fechados que aparecem no livro, mas o local preferido de Mama Mère é a varanda, de onde se tem notícia do primeiro ataque ao Zumbo, e é desse espaço que ela sonha: “É aqui que Mama Mère tece seus sonhos solitários, sentada na cadeira de balanço: sonhos nostálgicos que têm a ver com o passado, nos dias bons; sonhos negros nos dias maus.” (BORGES COELHO, 2003, p. 60). É neste mesmo espaço, olhando o rio, que ela morre no capítulo 39, “A última viagem de Mama Mère”. Após um dia de trabalho, ela se sente mal e vai para sua cadeira na varanda onde trava a última luta, desta vez com a morte. Ela sente uma dor aguda, como uma apunhalada, e tenta reagir, acreditando que alguém viera matá-la, em uma

sequência de três golpes, ela morre. “Mama Mère agora tem o olhar decaído sobre o rio, onde persistem ainda os últimos e tristes reflexos. O rio faz-lhe lembrar, como sempre, a sua infância. Imagina que subindo pelo Aruângua chegaria um dia à sua terra, à curva que o rio Congo faz em Basoko.” (BORGES COELHO, 2003, p.239). No momento final de sua vida torna a lembrar da infância a partir do rio e, por fim, fica imóvel como “uma estátua pensativa”. Sua morte traz implicações para Million, que é preso ao ser descoberto como traficante de marfim.

Essa personagem e Ntsato são as únicas a terem os nomes explicados pelo narrador. No caso dela, significa mãe duas vezes: Mama na língua local, Mère no francês. Este apelido foi dado pelo povo em razão de seus pequenos atos de bondade, porém não somos informados sobre o verdadeiro nome da congoleza. A população ainda acreditava que ela tinha poderes, como no terceiro ataque ao Zumbo, por exemplo, em que o avião do Zimbabwe vem em defesa da aldeia e parte da população acredita que Mama Mère “de sua altiva varanda terá feito um gesto para o céu, e foi esse gesto que provocou essa mágica aparição.” (BORGES COELHO, 2003, p. 234).

O desejo de progredir fez Mama Mère entrar no Zumbo e provocar a ira de Dona Flora, que tinha comércio nessa aldeia. Com receio da congoleza roubar-lhe o espaço, procurou ajuda de conhecidos no Zumbo e no Tete para não permitir tal invasão. Mas a arguta empresária da Feira contra-atacou pagando mais aos pescadores por seus produtos e também vendendo mais barato, o que incomodou a concorrente.

[...] onde ela pedia dois peixes – que o sabão e o vinho vinham do Tete, por longos e tortuosos caminhos, lhe chegava ao Zumbo bem caro – pedia Mama Mère apenas um. Além de vir o sabão desta última por uma estrada mais curta e mais direita, chegava ainda por cima e talvez por isso mais perfumado. (BORGES COELHO, 2003,p. 61).

Pelos relatos de Million e dos moradores do Zumbo, Mama Mère era uma astuta comerciante, e visionária, que conseguia alcançar seus objetivos, talvez por isso ela tenha se identificado com Amoda Xavier que também conseguia o queria, apesar de, como já afirmamos, usarem meios diferentes para alcançá-los. Mas a exilada tem saudades e ao olhar a junção do Zambeze com o Aruângua tem

nostalgia de sua terra natal. “Lembra-lhe o rio Congo lá em Basoko, quando era menina. Talvez um dia possa lá voltar, se o negócio aqui correr bem e as varizes deixarem.” (BORGES COELHO, 2003, p. 62). Essa saudade soma-se à certeza da impossibilidade da volta, mas o sonho do retorno é um conforto para quem está fora de seu país.

Das três personagens que escolhemos para analisar as errâncias, Jonas parece-nos que nunca vai se sentir em casa, e a viagem é uma forma que ele tem de fugir dos problemas e das suas responsabilidades, tornando-se um mero repetidor das práticas dos seus antepassados, sendo a personificação do homem contemporâneo em constante deslocamento. Podemos ler *Amoda* como a representação do homem moderno que deseja objetos que representem essa modernidade e o sonho, mas, em contrapartida, ele também representa a fugacidade da vida moderna, ao ter seus sonhos interrompidos pela guerra e pela morte. *Mama Mère* é a personagem mais instigante, talvez pelo mistério que a circunda e também pela força que revela ao tornar-se comerciante respeitada e rica, usando os meios que possui: a sedução e forte determinação. Assim, seja pelo caminho torto do contrabando, seja pela exploração dos outros ou pelo desrespeito com os comerciantes vizinhos, ela tem êxito, mas é importante lembrar que ela não explora nem os pescadores nem os clientes pobres.

Se a viagem e a errância são elementos importantes neste romance, é porque há uma dimensão simbólica que vai além dos deslocamentos físicos pelas “configurações utópicas” (ABDALA, 2003, p. 56). Elas também ocorrem pelas memórias partilhadas e, a nosso ver, a viagem pela memória tem a intenção de celebrar o devir.

Referências

ABDALA JR, Benjamin. **De vôos e ilhas**: literatura e comunitarismo. Cotia: Ateliê Editora, 2003.

BORGES COELHO, João Paulo. **As duas sombras do Rio**. 2. ed. Lisboa: Caminho, 2003

_____. **As crônicas da rua 513**. 2. Lisboa: Caminho, 2006.

CAN, Nazir Ahmed. “Da filologia da guerra à divisão do ‘eu’ feminino em as duas sombras do rio, de João Paulo Borges Coelho” In: **Aletria**. Programa de Pós Graduação em Letras (UFMG). n.2 v.23. mai-ago. 2013.

_____. “Infância e história nos romances de João Paulo Borges Coelho” In: **Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF**. n. 13, vol. 6. nov. 2014.

CHAVES, Rita. (org) **Marcas da Diferença**:/as literaturas africanas de língua portuguesas. São Paulo: Alameda, 2006.

CHAVES, Rita. “Entrevista com João Paulo Borges Coelho”. In: **Via Atlântica**. n. 16. São Paulo, 2009.

_____. “Notas sobre a ficção e a História em João Paulo Borges Coelho.” In: RIBEIRO, Margarida Calafate; MENEZES, Maria Paula: **Moçambique das palavras escritas**. Porto: Edições Afrontamento, 2008.

CRUZ, Alice. “Entre a evidência e a verdade: nos interstícios da experiência e da memória com As duas sombras do rio, de João Paulo Borges Coelho.” In: RIBEIRO, Margarida Calafate; MENEZES, Maria Paula. **Moçambique das palavras escritas**. Porto: Edições Afrontamento, 2008.

HALL, Stuart. Da diáspora: Identidades e mediações culturais. Trad. Adelaine La Guardia Resende e T all. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

MARTINS, José, “O senso comum e a vida cotidiana”. In: **A sociedade do homem simples**. São Paulo, Hucitec, 2000.

PADILHA, Laura Cavalcante. “A arte de vestir africanamente brancos manequins”. **Revista Gragoatá**, n. 19, Niterói. 2005. pp. 29-43.

SAID, Edward W. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). **Reconhecer para libertar**: os caminhos do cosmopolitismo multicultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

TODOROV, Tzvetan. **As morais da História**. Trad. Helena Ramos. Lisboa: Europa América, 1990.

VENTURA, Suzana Ramos. “Considerações sobre a obra ficcional de João Paulo Borges Coelho”. In *Navegações*. V2, n 1, Porto Alegre, 2009.

_____. “História do cerco de Lisboa e As duas sombras do rio: dois protagonistas em busca de uma História.” In: **Navegações**. n.1.v.3, 2010.